ISSN: 2358-8829

EDUCAR PARA TRANSFORMAR: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NA FORMAÇÃO DAS CRIANÇAS

Isa Stéfany dos Santos Sousa [1]
Ádria Caroliny Reis Magalhães [2]
Natália Silva Muniz [3]

INTRODUÇÃO

A escola é um dos primeiros espaços coletivos em que as crianças aprendem a conviver com pessoas diferentes de si. É nesse espaço que constroem sentidos sobre quem são, sobre o outro e sobre aquilo que a sociedade apresenta como bonito, aceitável ou diferente. Nesse sentido, Gomes (2012) destaca que a escola possui papel importante na construção de identidades positivas e na educação das relações étnico-raciais, uma vez que as experiências escolares também participam da maneira como as crianças percebem a si mesmas e aos outros. Por isso, discutir as relações étnico-raciais na infância não pode se limitar a momentos comemorativos ou a atividades realizadas em datas específicas. A educação antirracista precisa fazer parte das experiências que atravessam o cotidiano escolar, criando possibilidades para que as crianças reconheçam e valorizem suas identidades e aprendam a respeitar as diferenças.

Foi nesse contexto, e considerando a responsabilidade da escola na construção de experiências que valorizem as diferentes identidades, que se desenvolveu o projeto de extensão “A beleza da nossa cor: educando crianças antirracistas”, construído com crianças do 1º ano do Ensino Fundamental. A proposta partiu da necessidade de criar experiências pedagógicas que possibilitassem conversar sobre identidade, cor da pele, cabelos, beleza, cultura e diferenças de maneira acessível e significativa para as crianças. O projeto articulou educação antirracista, literatura, alfabetização e letramento, arte,

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão; Centro de Ciências de Codó – UFMA-CCCO, isastefanydossantossousa@gmail.com;
[2] Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão; Centro de Ciências de Codó – UFMA-CCCO, carolinyadria8@gmail.com;
[3] Graduanda pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão; Centro de Ciências de Codó – UFMA-CCCO, nataliamuniz176@gmail.com;

brincadeiras e diferentes formas de expressão infantil. Entre as ações realizadas estiveram rodas de conversa, contação de histórias, produções artísticas, mistura de tintas para representar diferentes tons de pele, confecção de coroas africanas, produção de retratos e telas e uma exposição coletiva das produções.

A problemática que orienta este artigo parte, portanto, de uma questão que atravessa a própria experiência extensionista: como práticas pedagógicas intencionalmente voltadas à educação antirracista podem contribuir para a construção de identidades positivas, para a valorização da diversidade e para relações mais respeitosas entre as crianças? A questão não se reduz à presença de conteúdos sobre a cultura negra no currículo. Ela envolve pensar de que maneira as crianças são convidadas a olhar para si mesmas, reconhecer suas características e compreender que diferentes formas de existir não estabelecem uma hierarquia entre as pessoas.

O objetivo deste trabalho é analisar as contribuições do projeto de extensão “A beleza da nossa cor: educando crianças antirracistas” para a formação das crianças, considerando as experiências desenvolvidas, suas formas de participação e os sentidos produzidos durante as atividades. Busca-se compreender como a literatura, a arte, o diálogo e as vivências lúdicas podem constituir caminhos para trabalhar as relações étnico-raciais desde os primeiros anos de escolarização. A análise das experiências desenvolvidas considerou a participação das crianças e suas diferentes formas de expressão. As falas, os desenhos, as escolhas, as interações e as produções realizadas durante as atividades foram considerados elementos importantes para compreender como elas percebiam as propostas e atribuíam sentidos às experiências. A experiência evidenciou, inicialmente, maior envolvimento das crianças nas propostas, ampliação dos diálogos sobre respeito às diferenças e valorização de suas identidades, indicando o potencial de práticas pedagógicas intencionais para favorecer processos de reconhecimento, pertencimento e convivência.

O presente artigo, está organizado em subseções que discutem a educação antirracista na formação infantil, a escola como espaço de construção da identidade, os caminhos metodológicos adotados no projeto e as experiências e aprendizagens produzidas pelas crianças. Ao longo da análise, procura-se aproximar os fundamentos teóricos das situações vivenciadas durante a extensão, dando centralidade às manifestações infantis e às possibilidades que emergem quando o trabalho com as

ISSN: 2358-8829

relações étnico-raciais é construído de forma intencional, sensível e integrada às experiências educativas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa, de natureza descritiva e reflexiva, desenvolvido a partir das experiências vivenciadas no projeto de extensão “A beleza da nossa cor: educando crianças antirracistas”. A investigação teve como propósito analisar as contribuições das práticas pedagógicas voltadas à educação antirracista na formação de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental, considerando os processos de construção da identidade, do pertencimento e da valorização da diversidade racial. A escolha dessa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender as manifestações infantis em seu contexto, considerando não apenas os resultados das atividades, mas também as interações, os diálogos e os sentidos construídos pelas crianças ao longo das vivências educativas.

O trabalho foi desenvolvido em uma escola pública localizada no município de Codó, Maranhão, com uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, por meio de ações educativas planejadas no âmbito do referido projeto de extensão. As atividades foram organizadas de maneira a aproximar a temática das relações étnico-raciais do universo infantil, articulando literatura, alfabetização e letramento, arte, brincadeiras e diálogo. Entre as estratégias utilizadas, destacaram-se as rodas de conversa, a contação de histórias, a produção de autorretratos, a mistura de tintas para representar diferentes tons de pele, a confecção de coroas africanas e a elaboração de telas artísticas, culminando em uma exposição coletiva das produções realizadas pelas crianças.

Para compreender as experiências desenvolvidas, foram consideradas as diferentes formas de participação e expressão infantil durante as atividades. As falas espontâneas, os desenhos, as escolhas, as interações entre os colegas e as produções artísticas constituíram elementos importantes para a análise, uma vez que permitiram observar como as crianças expressavam suas percepções sobre a própria aparência, a beleza, as diferenças e o pertencimento racial. Nesse processo, a escuta sensível e a observação das manifestações infantis assumiram papel central, possibilitando identificar situações que evidenciavam tanto os desafios relacionados à construção de uma autoimagem positiva quanto as oportunidades de diálogo e valorização das identidades.

A análise procurou, assim, relacionar as experiências observadas aos objetivos do projeto, sem desconsiderar as particularidades e os diferentes modos de expressão das crianças.

Por fim, a interpretação das experiências fundamentou-se na articulação entre as situações vivenciadas durante o projeto e as discussões teóricas sobre educação antirracista, identidade, diferença e aprendizagem, especialmente a partir das contribuições de Gomes (2012), Silva (2000), Freire (1996), Malaguzzi (1999) e Vygotsky (2007). Essa articulação permitiu refletir sobre o papel das práticas pedagógicas intencionais na construção de relações mais respeitosas e no reconhecimento da diversidade desde a infância. Ressalta-se que a análise não pretende atribuir mudanças definitivas às intervenções realizadas, mas compreender as possibilidades educativas evidenciadas pela experiência. Desse modo, a metodologia adotada buscou valorizar a participação das crianças e reconhecer suas manifestações como elementos fundamentais para pensar a construção de uma educação antirracista contínua, integrada ao cotidiano escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação das crianças acontece também naquilo que elas veem, escutam e vivenciam nas relações cotidianas. Antes mesmo de compreenderem conceitos como racismo ou discriminação, elas constroem ideias sobre beleza, diferença, pertencimento e sobre os próprios corpos a partir das referências que encontram nos diferentes espaços de convivência. Essas aprendizagens nem sempre são percebidas pelos adultos, mas fazem parte da formação infantil e podem influenciar a maneira como cada criança passa a perceber a si mesma e ao outro.

Nesse processo, a escola ocupa um lugar que não pode ser tratado como neutro. As escolhas feitas no cotidiano escolar, os livros apresentados, as imagens utilizadas, os personagens que ganham visibilidade, as histórias contadas e a maneira como as diferenças são abordadas também comunicam valores. Quando determinadas identidades aparecem pouco ou são representadas de forma estereotipada, produz-se uma aprendizagem. Da mesma forma, quando diferentes características, culturas e formas de existência encontram espaço e reconhecimento, a escola contribui para outras possibilidades de identificação e pertencimento.

É a partir dessa compreensão que a educação antirracista se apresenta como uma dimensão necessária da formação infantil. Mais do que inserir conteúdos sobre a

população negra ou realizar atividades pontuais, trata-se de construir experiências capazes de ampliar as referências das crianças, questionar padrões naturalizados e criar possibilidades para que diferentes identidades sejam reconhecidas e valorizadas. Foi nessa direção que se constituiu o projeto de extensão "A beleza da nossa cor: educando crianças antirracistas", desenvolvido em uma escola pública e organizado a partir de experiências que aproximaram literatura, arte, diálogo, ludicidade e alfabetização.

2.1 Identidade e pertencimento: construções que começam na infância

A construção da identidade acontece nas relações. A criança elabora compreensões sobre quem é a partir das experiências que vive, das palavras que escuta, dos olhares que recebe e das representações que encontra ao seu redor. Essas aprendizagens também envolvem as ideias que constrói sobre beleza, diferença e pertencimento. É nas experiências de reconhecimento e valorização que o sentimento de pertencimento começa a ganhar forma. Quando a criança percebe que suas características, sua história e sua cultura também têm lugar no espaço escolar, passa a encontrar referências que podem fortalecer a relação que estabelece consigo mesma. Por isso, trabalhar identidade na infância implica criar possibilidades para que cada criança se reconheça como parte de um grupo, sem que suas diferenças sejam transformadas em marcas de inferioridade. Nesse sentido, Silva (2000) compreende identidade e diferença como construções produzidas nas relações sociais e atravessadas pelas representações e pelos discursos presentes nos espaços educativos. Gomes (2012) destaca a responsabilidade da escola na educação das relações étnico-raciais e na construção de identidades positivas, defendendo que a valorização da diversidade deve integrar as práticas educativas e não permanecer restrita a momentos específicos.

Discutir beleza também pode ser uma forma de discutir identidade e relações raciais. A educação antirracista, nesse sentido, precisa ampliar as referências oferecidas às crianças e possibilitar que diferentes características físicas e culturais sejam reconhecidas e valorizadas. A perspectiva de Freire (1996) contribui para compreender que esse processo não pode acontecer apenas pela transmissão de respostas prontas. A educação envolve diálogo, reflexão e participação dos sujeitos. Com as crianças, isso significa criar oportunidades para que possam falar, perguntar, expressar suas percepções e reelaborar compreensões. As rodas de conversa realizadas no projeto seguiram essa direção ao abordar temas como cores, cabelos, histórias e vivências, permitindo que as

crianças trouxessem conhecimentos e experiências construídos em outros espaços de convivência.

A escuta dessas manifestações também foi fundamental para compreender as diferentes formas pelas quais as crianças expressam suas ideias. Para Malaguzzi (1999) a infância é marcada por múltiplas linguagens, que não se restringem à fala e à escrita. Desenhos, pinturas, brincadeiras, gestos e produções artísticas também comunicam pensamentos e sentimentos. Essa compreensão esteve presente no projeto por meio das atividades de pintura, da mistura de diferentes tonalidades para representar a cor da pele, da produção de coroas africanas e das telas elaboradas pelas crianças. Essas experiências permitiram trabalhar identidade e diversidade de maneira concreta, articulando expressão artística e reflexão.

A literatura também assumiu papel importante nesse processo. As histórias utilizadas nas atividades possibilitaram trabalhar leitura, oralidade, recontos e produção de frases ao mesmo tempo em que ampliavam as referências das crianças sobre identidade e diversidade. A proposta mostrou que a educação antirracista não precisa ocupar um espaço separado das demais aprendizagens. Ela pode atravessar a alfabetização, a arte, a literatura e as brincadeiras, tornando-se parte das experiências cotidianas da criança. Essa perspectiva se aproxima de Vygotsky (2007) ao considerar que o desenvolvimento e a aprendizagem são construídos nas interações sociais e por meio da linguagem.

Assim, identidade e pertencimento não são resultados imediatos de uma única atividade. São construções que acontecem progressivamente, nas relações e nas experiências vividas. Ao criar espaços para que as crianças falassem sobre si, reconhecessem diferentes características e produzissem representações próprias, o projeto de extensão possibilitou aproximar a discussão das relações étnico-raciais do universo infantil. A experiência aponta, portanto, para a necessidade de práticas contínuas que não apenas apresentem a diversidade às crianças, mas que lhes permitam vivenciá-la, reconhecê-la e valorizá-la.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A realização do projeto possibilitou perceber que a discussão sobre relações étnicoraciais ganha outros sentidos quando encontra espaço nas experiências concretas das crianças. As propostas desenvolvidas não produziram apenas trabalhos ou momentos de interação, mas criaram situações em que as crianças puderam manifestar suas

compreensões sobre beleza, diferença, cultura e identidade. Foi a partir dessas manifestações que se tornou possível perceber como a temática foi sendo apropriada pelo grupo e quais sentidos foram construídos ao longo das vivências.

A escuta atenta durante as produções artísticas revelou como os padrões estéticos dominantes afetam a autoimagem infantil desde o início da escolarização. Em uma das atividades de confecção de autorretratos, observou-se que uma aluna de cabelo cacheado/crespo desenhou a si mesma com o cabelo liso. Ao ser questionada com sensibilidade sobre a escolha de sua representação, a criança expressou verbalmente: "Eu não gosto do meu cabelo". Essa fala evidencia como as concepções sobre beleza e raça já atravessam o cotidiano das crianças, demonstrando a urgência de intervenções pedagógicas intencionais que possibilitem a desconstrução de estereótipos e a valorização das identidades negras. A partir desse episódio, a mediação buscou problematizar a diversidade de texturas e formas dos cabelos por meio da literatura e de produções visuais, favorecendo novos olhares sobre a estética negra e o fortalecimento do pertencimento.

Também se mostrou relevante a articulação entre a educação antirracista e o processo de alfabetização e letramento. As histórias trabalhadas durante o projeto não foram utilizadas somente como recurso para discutir relações raciais, mas também como ponto de partida para conversas, recontos, ampliação do vocabulário e produção escrita. As atividades artísticas seguiram essa mesma perspectiva ao possibilitar que as crianças expressassem ideias e percepções por meio de diferentes linguagens. Essa articulação foi particularmente significativa considerando que a turma apresentava diferentes ritmos de aprendizagem e formas de expressão, exigindo estratégias que possibilitassem a participação de todas as crianças.

No desenvolvimento do projeto, essa postura de acompanhamento também permitiu compreender que as crianças não ocupavam uma posição passiva diante das propostas. Suas falas, escolhas, produções e interações contribuíram para os caminhos assumidos pelas atividades e para a interpretação dos resultados. O envolvimento observado nas produções artísticas, nas rodas de conversa e nas vivências literárias demonstrou que a participação infantil pode produzir informações importantes para o próprio planejamento pedagógico. Essa compreensão aproxima-se de Vygotsky (2007) ao considerar que os processos de aprendizagem e desenvolvimento são constituídos nas relações sociais e na interação com o outro, reforçando a importância da mediação e do diálogo no trabalho pedagógico.

Dessa forma, os resultados do projeto precisam ser compreendidos dentro dos limites e das possibilidades da experiência realizada. Não se trata de afirmar que um conjunto de atividades é suficiente para modificar concepções construídas socialmente, mas de reconhecer que as intervenções criaram situações concretas de diálogo, expressão e valorização das diferenças. A exposição final das produções, por exemplo, permitiu reunir parte desse percurso e evidenciou o envolvimento das crianças com aquilo que haviam produzido e aprendido. Nesse sentido, a experiência reforça a compreensão de Gomes (2012) de que a educação das relações étnico-raciais precisa integrar o cotidiano escolar de forma contínua, contribuindo para a construção de identidades positivas e de relações pautadas no respeito à diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida por meio do projeto de extensão permitiu compreender que educar para as relações étnico-raciais começa pela maneira como as crianças são convidadas a perceber a si mesmas e a conviver com o outro. Quando identidade, diferença e pertencimento encontram espaço no cotidiano escolar, a educação ultrapassa a transmissão de conteúdos e participa da construção de formas mais respeitosas de compreender e viver em sociedade.

As vivências mostraram, ainda, que a educação antirracista pode ser construída a partir de experiências próximas ao universo infantil, sem reduzir a complexidade das relações raciais. A escuta das crianças e a atenção às suas formas de expressão possibilitaram perceber que elas já possuem compreensões sobre beleza, diferenças e pertencimento. Considerá-las no processo educativo significa reconhecer que suas falas, produções e interações também constituem caminhos de aprendizagem.

Nesse sentido, a experiência reforça que uma prática antirracista não se encerra ao final de um projeto ou de uma atividade. Ela precisa constituir um compromisso permanente da escola, presente nas relações e nas escolhas pedagógicas que fazem parte da formação das crianças. Os resultados percebidos ao longo da experiência apontam para a importância de criar espaços em que diferentes identidades possam ser reconhecidas e valorizadas, sem que as diferenças sejam convertidas em desigualdades.

Por fim, o projeto possibilitou compreender que transformar a educação não significa esperar mudanças imediatas, mas construir, no cotidiano, outras possibilidades de olhar e de conviver. Ao favorecer o reconhecimento de si e o respeito ao outro desde

a infância, a escola contribui para a formação de sujeitos mais conscientes das diferenças que constituem a sociedade. É nessa dimensão cotidiana, construída nas relações e nas experiências, que a educação antirracista encontra sua força transformadora.

Palavras-chave: Educação Antirracista, Diversidade, Identidade, Escola, Igualdade Racial.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MALAGUZZI, Loris. **Histórias, ideias e filosofias básicas**. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.